

SÃO LUIZ

Teatro
Municipal
2012

3 a 7 Out Lilith

Quarta a Sábado às 21h00
Domingo às 17h30
Sala Principal
m/12

Sessão com interpretação em
Língua Gestual Portuguesa:
7 Out, às 17h30

Texto original

Francisco Luís Parreira

Encenação

João Garcia Miguel

Música

Rui Gato

Figurinos

Miguel Moreira

Desenho de luz

Daniel Worm d'Assumpção

Apoio à realização do espaço cénico

Miguel Lopes

Fotografia e grafismo

Jorge Reis

Máscaras e Adereços

João Prazeres

Assistente de cenografia

Ana Rodrigues

Direcção de produção

Filipa Hora

Produção executiva

Cláudia Figueiredo

Daniela Ambrósio

Apoio aos conteúdos

Teresa Fradique

Mantos

Assistente estagiários de encenação

Marta Coelho

Pedro Caetano

Interpretação

David Pereira Bastos

Konstantinos Koutsolelos

Stamatina Pergidouaki

Sara Ribeiro

Co-produção

JGM, SLTM

LILITH

João Garcia Miguel *encenador*

Há anos, numa peça em que era actor e encenador, começávamos assim a nossa performance: “Querido Público”. Estávamos em 2000, então na Sala Polivalente da Fundação Gulbenkian. A peça era *Fado Donald* uma colaboração na escrita com Alexandre Crespo. Recordei estes momentos durante a realização desta nova peça *Lilith*, pois, também, desta vez, esta obra nasce da colaboração criativa na escrita com o Francisco Luís Parreira. Desde então, recordo com frequência esta expressão: “Querido público”, que na época me soou como um troço de linguagem, como um enrolar da língua e das emoções que despoletava sempre que a proferia. Nesses instantes os espectadores tomavam um lugar preciso e precioso. Esse lugar já existia de facto, mas nesse momento uma outra porta, um olhar face a face se expôs de maneira subtil e paradoxalmente mais próximo, mais à flor da pele, fazendo nascer flores na pele. É de sublinhar, que nem sempre essas flores, são flores do paraíso, nem sempre são agradáveis ao tacto e ao olhar, nem sempre se destacam e distinguem da paisagem, nem sempre são flores saudáveis, naturais. Muitas vezes são exigentes, interrogadoras, incomodativas, inexplicáveis, misteriosas.

Uso esta metáfora das flores, ao falar desta nova peça por razões que acredito serem óbvias. Sendo que igualmente sinto necessidade de vos falar acerca desse mesmo óbvio. É uma peça onde o paraíso e todas as suas ressonâncias são a matéria, a substância, a qualidade da qual partimos para esta viagem. Do jardim do paraíso nascem flores e outros jardins surgem. Nem sempre esses jardins são agradáveis, naturais e sem perigos e exigências próprias. Sabemos que nas nossas apresentações o espectador é incluído e incitado a participar como criador. É com esse espectador, com cada espectador especial, único, exigente, criador e sonhador que procuramos dialogar, em cada instante. Sabemos que falhamos e continuaremos a falhar e é esse desejo de superar o que nos faz sentir perdidos que nos faz mover e falar. Mover e falar com a voz, com o corpo, com a luz, com o espaço com a perplexidade, com o ódio e o amor que temos para dar e receber e deixar no mundo. Esta peça fala de paz e de amor e muitas vezes faz isso com referência ao ódio, ao sofrimento e à guerra. Ao ódio, à indiferença, à maldade, à destruição, à ignorância mesquinha respondemos com inquietação e superação. A cada momento de dor e angústia que a vida nos traz procuramos responder, procuramos um novo equilíbrio através do prazer de fazer. Somos fazedores do prazer em busca do êxtase de se superar a si mesmo. Mesmo quando isso implica e tem implicado muitas vezes, ser expulso dos lugares onde estamos, ou abandonar os locais que amamos em resposta às impossibilidades com que a vida nos confronta. É neste território que nos identificamos com Lilith.

Aqui chegados, gostava de propor um pouco do percurso, do processo de construção desta obra. Quando começámos o trabalho de criação, com os actores, dois actores portugueses e dois actores gregos que eram uns desconhecidos para nós, o texto apresentava-se ainda numa forma embrionária e fragmentária. O acordo criativo que estabelecemos com o Francisco Luís Parreira tinha por base esse ponto de partida e a escrita do texto em paralelo com as primeiras semanas de ensaios. Este espaço aberto, a necessidade de nos conhecermos, a investigação sobre o tema e as formas de o abordar levaram-nos, conduziram-nos como cegos guiados pela sua intuição interior, numa viagem conjunta a muitos passados e a um desejo de um indefinível presente.

Convocámos para o trabalho artistas contemporâneos, textos antigos, textos jornalísticos actuais, fotografias e filmes de manifestações e depoimentos de amigos e desconhecidos. As obras de Duane Michals, de Fischli and Weiss, de Gilbert and George, Andrei Tarkovsky, Melina Mercouri, Vasco Santana, Miguel Ângelo, Diamanda Galas, Adolfo Lúxuria Canibal, Rolling Stones, Joy Division, Amália Rodrigues, Lhasa de Sela, Chris Burden, Screamin’ Jay Hawkins, James Brown, Miquel Barceló, Joseph Nadj, Carlos Paredes, Led Zepellin, Erika Fisch-Lichte, Richard Schechner, Renato Cohen, isto só para mencionar algumas entre muitas outras fontes que funcionaram para nós como inspiração. Nesse sentido esta peça

deve muito ao You Tube e à internet, para além dos recursos tradicionais de investigação e este processo reproduz de forma renovada os métodos que usávamos há alguns anos atrás nas criações do OLHO. Talvez isso explique a extrema fragmentação de narrativas, que se entrelaçam entre si, tendo como fundo a história de uma mulher que abandonou o paraíso e foi viver para Atenas que tem uma ferida no peito que se entrelaça com a história de um outro homem, Ulisses que cava um buraco e sonha com a redenção do seu velho mundo pelo fogo.

Esta fragmentação, que já vinha do texto do Francisco Luís Parreira, e que nós adensámos no período de ensaios, cujo expoente está plasmado na cena do 'homem fragmentado': que é em si uma personalidade enferma de muitas facetas, espécie de ser proteico, uma deriva entre um louco ou visionário, um ateniense, um ministro europeu, sons e imagens virtuais de diabos e monstros saídos de todos os tempos da humanidade.

Pelo meio de todos este caldo de influências, houve um texto que nos foi enviado por um amigo espanhol, Ferran Garrigues, que ao saber, através de uma conversa no *skype*, que estávamos a trabalhar sobre o tema da Lilith, nos quis enviar um conjunto de poemas e reflexões suas. Da conversa com ele e dos seus textos retirou-se uma ideia conceito que nos auxiliou também a desenvolver *Lilith*. Ferran descreveu-nos a existência de um fungo 'perverso' que produz umas esporas que ao caírem sobre as formigas as deixa presas a ele de forma invisível. Quando isto acontece, crescem filamentos dentro da formiga que a vão devorando lentamente. Quando estes filamentos chegam ao cérebro da formiga, esta crê que há feromonas onde não existem. Esta substância, as feromonas, servem para a formiga se guiar habitualmente. Quando fica infectada por esse fungo, a formiga alucina a existências de feromonas e começa a comportar-se como um *zombie*, completamente às ordens da vontade dominadora e destruidora do seu novo senhor. Segue como *zombie* até uma planta, à qual sobe e nos seus talos mais altos prende-se com as mandíbulas no bordo das folhas, suspendo-se no vazio. Aqui chegada, o fungo devora-lhe o cérebro e mata-a. O fungo começa então a crescer e quando está completamente desenvolvido, ali desde o alto da planta à qual subiu graças à ajuda da formiga, lança novos esporos que infectarão novas vítimas, iniciando-se de novo todo o processo.

Esta ideia interessou-nos pelo facto de uma das linhas de investigação que tivemos se relacionar com o número crescente de pessoas que se imolam em situações públicas em forma de protesto. A esses comportamentos associámos um despoletar de um factor Lilith. Como se estes homens e mulheres fossem vítimas de um fungo, de um qualquer dispositivo invisível que os conduz à sua destruição. Ou seja nestes protagonistas extremistas, nós pressentimos que possa existir nos seus impulsos suicidas um sentimento paralelo, um sentimento semelhante ao que levou Lilith a desejar abandonar o paraíso. É um misto de sofrimento e desejo de liberdade.

Alguns desses casos influenciaram a construção dramática de algumas das cenas e a construção de um comportamento de passagem entre dois estados: entre o estar e o partir, entre o nascer e a vida, entre o viver e o morrer. A passagem, o abandono, o perder-se, foram valores que trabalhamos como padrões dramáticos recorrentes.

O espectáculo é uma construção imperfeita que exige fantasia e imaginação, funcionando como um objecto provocador de emoções e perplexidades. Também para nós isso é um facto e nele existem de forma propositada espaços abertos que induzem ao sonho e à reflexão, ao puro deleite dos sentidos ou ao choque e perplexidade. Assumimos essa construção incompleta e imperfeita, que só se completa com a dupla construção realizada por cada espectador. É esse o nosso propósito, é esse o jogo que vos propomos. Desejamos um bom sonho, um bom espectáculo.